



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

11 DE ABRIL DE 1964
ANO XXI — N.º 524 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAGO DE SOUSA
PRÓPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAGO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Festas

Eu não quero roubar tempo aos senhores nem espaço ao jornal, nem tenho mais que acrescentar ao assunto. Já toda a gente sabe que elas são no Porto, Braga, Guimarães, Viana, Aveiro, Coimbra, Lisboa e... Setúbal. Sim senhor, Setúbal! P.e Acílio tardou, mas está disposto a chegar quando os outros. Oxalá Setúbal esteja no seu lugar.

Quando este número sair, um pouco mais e elas estarão a começar. Este ano temos para quase um mês.

A malta prepara-se afanosamente. Vão-se os Senhores preparando também.



BARREDO

NESTAS andanças pelos Pobres, nem sempre o que mais choca é a sua miséria material ou moral. Nem sempre são as situações aflitas e complicadas, sob vários aspectos, que nos fazem parecer o problema dos Pobres uma equação de muitas incógnitas, cuja solução é demasiado complicada, para quem só observa o que os olhos vêem.

Na maioria dos casos, na razão da existência do problema há uma infra-estrutura que, se lhe não podemos chamar causa eficiente, é pelo menos causa provocante. Neste sentido se pode dizer que, por exemplo, em Lisboa uma das causas dos bairros de lata, que parecem finalmente entreter o pensamento responsável, é a maneira desordenada e oportunista de quem procura resolver o problema com novos aglomerados urbanos e suburbanos, numa escala que não condiz, nem com o aumento demográfico nem com a capacidade monetária da média dos que demandam Lisboa à procura de melhores condições.

No Porto, se bem que a migração seja menos acentuada, há talvez um aumento interno proporcionalmente maior e condições de vida bastante menos favoráveis. E disso, e enquanto a Câmara não leva a termo o seu impar plano de construções, tiram o máximo partido alguns oportunistas, donos de ilhas e prédios antigos, da zona ribeirinha.

Este caso porém do Barredo é típico, tanto no seu aspecto social como urbanístico e sobretudo jurídico-comercial. Não se trata de barracas, nem de casas subalugadas só em deficientes condições para vida de família. Trata-se de casas onde se vive num sistema curioso chamado de albergaria. E o que são então as albergarias do Barredo? São prédios divididos em quartos de qualquer espécie, alugados ao dia e pagos à semana, ao dono, ou dona, mais vulgarmente. Este sistema de arrendamentos pode ainda ter intermediários ou «sobrealuga» e nesse caso é ele ou ela o senhorio efectivo dos rendimentos. É bem conhecido ali um caso típico de promoção social em que a sobrealuga, pessoa arguta e com dedo para o negócio, conseguiu a compra de três dos prédios. Assim dos mil e duzentos de renda que pagava por cada, recebe agora, mensalmente, se não recebia já, na ordem dos trinta mil escudos. É pois um sistema altamente lucrativo este género de negócio..., se o nome próprio dele não é especulação!

Uma outra característica é a submissão a vistorias periódicas que são sobretudo muito atentas a um abuso da lei do regime de albergaria. É que nos quartos do Barredo, não se pode cozinhar e onde for visto o trém de cozinha, o inquilino é multado. Mas como tudo está previsto, a senhoria ou a sobrealuga cuidadosa faz a caridade de no mesmo dia pôr toda a gente de aviso, para que escondam debaixo da cama o respectivo trém.

Ainda uma característica pitoresca, é que a mesma senhoria não pode ter escritório montado para recebimento das rendas nem entregar esse cuidado a qualquer empresa especializada no ramo. Vem em pessoa, noite já entrada, hora mais certa de apanhar toda a gente em casa, fazer a sua cobrança. Deve ser um passeio muito digestivo, aquele de subir e descer escadas, discutir com esta e aquela, ameaçar o despejo se para a semana não paga a conta em atraso. E é que despeja mesmo, porque aquilo não é uma casa alugada, mas sim uma albergaria. Daí toda a força, até judicial, para o caso. A conversa muitas vezes azeda, porque não há os oito escudos do dia a dia. E para mais os nervos já começaram a ferver quando a senhoria entrou a porta do fundo e o «lulu» vem escada acima espadanando o rabicho e ladrando a todas as portas que a patroa vem aí.

Nos prédios da zona ribeirinha, vive-se pois em regime de albergaria. E não é muito que um qualquer deles renda dez contos por mês, se há quartos no Barredo a quinze escudos ao dia! Nem no

Continua na SEGUNDA página

AREIAS DO CAVACO

Pai Américo diz: «Que os meus sucessores jamais descrevem os Pobres: eles são a causa da nossa riqueza. Da riqueza da Obra da Rua. Eu não me canso de recomendar aos meus Padres que, se ainda não têm, peçam a Deus o jeito, a queda, o dom de visitar os Pobres. Que tenham dor; que sejam por eles. Que jamais os troquem por outras riquezas, que eles, os Pobres, são a verdadeira riqueza da nossa Obra.»

É assim mesmo. Experimentamos esta verdade a cada passo. Quando, por força das circunstâncias nos ausentamos dos Pobres, sentimos o vazio na nossa Casa. Mais, sentimo-lo dentro de nós. As fontes estancam. Por isso, vamos.

Desta vez fui encontrá-lo sentado na soleira da porta. Estava nu. Completamente nu. A barba crescida. Ossos da face salientes. Mais parecia um «bicho» que um ser humano.

E, por ali perto, passa gente. Muita gente. Ninguém o vê. Ninguém lhe dá a mão. Ninguém se incomoda.

Chagas purulentas enchem-lhe o corpo. Vi-o arrastar-se. Vi o corpo a desfazer-se. Vi o chão húmido que lhe serve de leito. Vi a lama pegada ao corpo chagado. Senti o cheiro nauseabundo. Vi tábuas nuas. Não vi nada com que o cobrir.

Tremi. Naquele momento tremi. Pensei no Juízo Final. Acredito que Jesus falará a sério nessa hora solene. E tive medo, porque também passei por ali muitas vezes e não o cobri...

Era o tempo da Paixão. O Homem das Dores estava ali. Irreconhecível. Mas era Ele. Demos-lhe banho. Quis beijar as mãos dos nossos dois rapazes que o lavaram e vestiram. Depois, sorriu.

Pai Américo volta a falar: «Aquele riso era bênção. Bênção para a nossa Obra. Deus

livra-me de muitos males por causa do rir dos Pobres quando eu passo por eles. Livra.

Cont. na TERCEIRA página



Dois que peneiram areia. Esta não é do Cavaco, mas o que está de frente, esse é: o Vitor do Benguela.

Do que nós necessitamos

A primeira presença nesta coluna, vem da deslumbrante Paris. É a nossa assinante 21554 com 20 francos. De «Nemo» 100\$00 para o Barredo, remanescente dum trabalho da tipografia. Cumprindo uma promessa, 100\$00 de Amadora. Do Porto, 20\$00. De Inês, 20\$00. Rio Tinto com os costumados 100\$00, de assinante muito assíduo. Presente a Avó de Mozavide, com os 20\$00 do costume. «De uma Amiga da Obra da Rua, 150\$00, parcela do meu primeiro salário».

75\$00 em selos de correio, da Capital. O Porto com 100\$00. De Pinheiro da Bemposta, 50\$00. A esposa do assinante 6790 com 50\$00. O Colégio de S. José, de Vila Real, visitou-nos e depois de tudo percorrido interessadamente, à despedida deixaram-nos 720\$00, de donativos e assinaturas e ainda paramentos usados. Gratos pela visita. Mais 20\$00 de uma promessa. Por alma da Mãe do assinante 6660, 150\$00. E um cobertor da Foz. Do Grémio dos Industriais do arroz, 500\$00. E camisas tiradas, de C. Teixeira Gomes, de Lisboa, mais roupas de Almendra, Coimbra, Miranda e Porto.

Dos Correios da Batalha, Porto, um vale de 30\$30, produto das esmolas deitadas pelo público na caixa existente na cabina telefónica. De Polónio Basto & C., 500\$00, lembrança natalícia. Ainda festejando o Natal, «os funcionários da Caixa Textil enviam 1.100\$00, para a Obra que muito admiram». Da Junta de Freguesia de Arcozelo-Gaia, 1.000\$00 e a muita estima que nos dedica. Novamente Rio Tinto com 300\$00, em acção de graças, de uma assinante. De M. L., 50\$00. António M. Rua com 500\$00. Anónimos com 102\$50. E 1.500\$00 entregues ao Sr. P. e Carlos, durante a estadia na Beira.

Dos Viveiros de Castromil, aqui a dois passos, plantas para o Tojal. Da Invicta, 50\$00, 100\$00, 50\$00, 60\$00 e 20\$00. Mais de uma promessa 26\$00. Do ass. 18504, 20\$00 pelas melhoras de seu filho. De uma Mãe Católica de Rio Tinto, revistas e gravatas. Lisboa 1 com selos. E da Sacor o cheque anual de 6.000\$00, que nos costuma chegar na quadra natalícia. Por alma de Antero, 150\$00. De Algés, 500\$00 com vários fins.

Atendendo ao apelo lançado pelo nosso Padre Manuel, para a necessidade de painéis para a Casa do Gaiato de Benguela, uma assinante de longe enviou-

nos 1.000\$00. Das Alunas do Colégio Nuno Alvares — Tomar, secção interna, 20\$00. Da Covilhã, 100\$00. Em cumprimento duma promessa, recebemos do Porto, da anónima A. R. R. C. B., 500\$00. E mais 500\$00 da «Mãe de dois rapazes cumpridores». A presença mensal e silenciosa da R. da Madalena. Da Sotex, um fardo com cobertores de algodão, que vieram a calhar.

De Vilar do Paraíso, duma graça recebida, 520\$00. Albergaria-a-Velha com 1.000\$00, por intenções de familiares falecidos. Anónimos com 50\$00, 100\$00, 10\$00, 20\$00, 100\$00, 20\$00 e 100\$00. De A. M. L. 50\$00. Por intermédio da Ideal Rádio, 50\$00 e 20\$00. Anónimo das R. das Taipas com 50\$00. De N. M. 50\$00. Linda-a-Velha com selos de correio no valor de 60\$00. Mais 3.000\$00 do Porto. 10 dollars para cobertores. «Por alma do Manel», 50\$00. António não falta nunca, e cá está com duas presenças para a «Viúva da Nota da Quinzena» e «Para ajudar uma mãe a alimentar seu filho».

E um cheque de 12.000\$00 da Gerência do Teatro Sá da Bandeira, produto das esmolas que deitam na caixa do busto do nosso Pai Américo, que se encontra no átrio daquele Teatro. 50\$00 de anónimo e vários donativos para o Barredo. A. P. C. com 100\$00. A. G. com 70\$00 de sempre. Mais 103\$ e 120\$50 do Pessoal da Mobil.

Ass. 27066 com roupas e 20 Rands. Mais vestuário de Famação e camisas de Guimarães.

6 lençóis do Porto e roupas de criança de Gondola. 50\$00 de Senhorinha. Soure com 20\$00. De Alcobaça, 50\$00. Novamente nossos Pobres. Da Trofa, Mate da América, 100 dollars para nuel da Silva Pinheiro com 200\$. Castelo Branco com 50\$00 e 100\$00 do Porto e 40\$00 do Sr. Manuel da Rua da Corticeira.

Mais a costumada amizade da gente do Espelho da Moda. E sempre que por lá passamos, é uma montanha de pacotes e uma carapuçada de donativos.

Entregues na «Voz do Pastor», 100\$00. Da Póvoa de Varzim, igual quantia. «Para que Deus me dê muito trabalho», 20\$00. No Lar do Porto, vários envelopes com várias quantias. Mais Lisboa com 75\$00, em selos, oferta mensal. Porto com 20\$00. Ass. 32699 com 75\$00, produto da «Cronometragem dum jogo de basquetebol do Campeonato Nacional Feminino, realizado na cidade da Beira, a favor dum necessitado do Barredo».

De «uma Amiga» de Castelo Branco, 150\$00. Os silenciosos 20\$00 de Soure, como todos os meses. «Pela paz de um Lar», um cheque de 450\$00, de Lisboa. Calçado e roupas de Torres Novas. De Lisboa uma carta de onde anoto o seguinte: «Vão mais 400\$00 para cumprir uma promessa feita há 7 anos. Já devia ter ido há 6 meses. Sabem porquê? Porque Deus fez-me a mulher mais feliz do mundo, dando-me a graça de ter um adorador bebé». Que o Senhor o guarde. «Uma Filomena do Porto», envia 150\$00.

Um pacote de selos, de Lisboa. 100\$00 de «uma grande pecadora», entregues no Espelho da Moda. Os 20\$00 «De uma amargurada pelo dia 22». Mais 20\$ da Invicta. «Por alma de meu marido», 20\$00 de uma anónima de Viseu. 500\$00 para o Barredo, por alma de Jaime. De Buarcos, 40\$00, «produto dum trabalho que fiz». Uma máquina de escrever de Chaves. 100\$00 de Luanda, para ajuda dum cobertor.

Roupas para o Pobre do Barredo que tinha uma filha no caixão, e não havia quem lhe fizesse o funeral. De dois anónimos, 50\$00. Por intermédio de Pinto & Cruz L.da, 1.000\$00. Lisboa 3, com 200\$00. Livros escolares da Capital. Roupas de Moimenta da Beira. Mais delas e medicamentos de Lisboa. Um lençol com um recorte lindíssimo da Golegã. Mais um enxoval para um bebé pobre, de M. H.. Do Rev.mo Pároco de Mesão Frio, uma colecção do nosso jornal «O Gaiato», oferta valiosíssima, por ser completa.

Prezado leitor, mesmo que ao leres esta coluna não encontres o teu donativo, tem a certeza de que ele chegou. Graças a Deus, tudo que nos é dirigido, cá vem parar. Bem hajam e até à próxima.

MANUEL PINTO

TEATRO LUISA TODI

DE SETUBAL

22 de Abril
Às 21,15 h.

Bilhetes à venda

Lar do Gaiato de Setúbal, telef. 24620; Papelaria Campos, Largo da Misericórdia; e Bilheteiras do Teatro Luisa Todi.

Aqui Lisboa

O sonho não é meu, pois já vem de longe. Parece, no entanto, chegada a hora de o concretizar. Trata-se, nem mais, do que construir, na quinta que ocupamos, uma aldeia para 120 a 150 Rapazes, segundo os moldes e tipo de Paço de Sousa, onde o pensamento de Pai Américo tem a sua expressão mais realizada.

Temos vivido nesta Casa as vicissitudes duma adaptação sempre precária, sem as possibilida-

des de trabalho e de aproveitamento que desejaríamos. Em obras de restauro ou de melhoramento temos gasto, em dezassete anos de existência, centenas de contos. Não são, porém, edifícios pesados e frios, com compartimentos enormes, falho de salas para convívio e instalações de salas de jogos ou de catequese e escolas, que favorecem aquele tipo de vida querido por Pai Américo. A dispersão é tão grande que até a própria vida familiar e a formação dos quadros de chefes, tão indispensáveis nas nossas Casas, sofrem com isso.

Em poucas linhas lançamos a ideia. Aos nossos Amigos cabe dar a resposta. Lisboa não pode ficar indiferente. A nossa própria vida é oferta, embora humilde, que se fez para a realização deste plano. Partimos de mãos vazias mas cheias de Fé, da Fé que transporta montanhas. Estamos habituados às dificuldades mas, com Deus, tudo se conseguirá.

As almas e os corpos dos Rapazes que nos foram confiados tudo valem e merecem. Não queremos obra de fachada. Teremos em mente única e exclusivamente os Valores que o Senhor nos confiou e que os homens, tantas vezes, desprezam e perseguem.

Não haverá para aí um arquitecto disponível, disposto a ligar o seu nome a uma obra imprecável? E quem quer alinhar nas primeiras pedras?

P. S. — Precisamos duma chocadeira a gás. Os Rapazes precisam de ovos para fazer criação e para comer, uma vez por outra, uma febra de galinha, não achas?

Padre Luiz

COLISEU
DO PORTO
16 de Abril
Às 21,30

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu.

MONUMENTAL
DE LISBOA
21 de Abril
Às 18,15

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: na Secretaria do Montepio Geral; Ourivesaria 13 — R. da Palma, 13; e Lar do Gaiato — R. Navegantes, 34 r/c — Telef. 669451



TEATRO
AVENIDA
Coimbra
28 DE ABRIL
às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

P. e José Maria

ORDINS

Quem lida com os Pobres, está constantemente a descobrir necessidades. Por isso, hoje venho pedir e dar: pedir roupas, e dar-vos ocasião de praticardes a Caridade. Há tantas crianças neste lugar a tiritar de frio, e alguns dos vossos filhos com agasalhos a mais. As vezes, não vos falta vontade, mas dá tanto trabalho mexer na roupa, pô-la de parte, fazer embrulho, mandar pelo correio... E com esta apatia de quem não se contentou em mandar apenas o que era dela; pediu também aos vizinhos, fazendo apos-

tolado: «Ai lhe envio a roupa prometida, e peço desculpa de só agora o fazer, mas tive que pedir a diversas pessoas. Toda ela pode ser usada com confiança, que pretenha a gente limpa. Envio também os meus costumados 10\$00 e mais 10\$00 para a campanha dos 10\$00». É a primeira a abrir a procissão. Bem haja pela alegria que deu aos 6 pobres contemplados. Pelos aneis, que vieram junto, deram 40\$00.

E agora, aqui vão algumas das terras para onde foram os nossos trabalhos.

De senhora amiga, residente em Inglaterra, uma grande encomenda, destinada ao Calvário e Conferência do Lar do Porto. Foi tudo entregue. Chaves — 6 camisolas; Castelo de Vide — um jogo em rafia e 3 pegas; Porto — 1 chale, 1 capa, 1 echarpa e 3 pegas. «Veio tudo a meu gosto, e sem-

pre que precise, batierei a essa porta». Cá esperamos, a porta está sempre alerta, e não só pelas Festas. Para Lisboa — 1 manta, 4 capas, 1 chale e 6 camisolas; Tomar — 1 chale, e envia 100\$00; Foz do Douro — 2 chales; Lourenço Marques — 1 capa e 1 par de pantufas; para São Martinho do Porto seguiram 1 capa e 3 pegas; Leiria manda-nos 20\$00 para rabanadas; Loures, 1 chale; Régua pede outro; Gaia, um jogo em rafia (E que lindo!); Monte Estoril, 3 chales. Mais Lisboa com 5 camisolas, 1 chale e 1 cobertor; Porto — 1 manta e 2 tapetes, «que vieram a meu gosto». Eixo — 1 capa e 2 camisolas. Outra vez Lisboa: 3 chales, 4 casacas de bebé, 3 carpetes e 6 mantas; para o Instituto de Assistência à Família — 30 chales. Do Governo Civil do Porto recebemos 3.000\$00.

Maria Augusta

ÁFRICA

Regressei e agora não mais o coração terá descanso, repartido pelas saudades.

África é sedutora; de longa data a ameí. Conquistou-me desde que, alvoroçado, poisei a primeira vez no Aeroporto de Luanda. Antes não sabia bem porque a amava. Agora começo a saber. É que ela tem fome de amor.

Que felicidade me dá, pois, a certeza de que a Obra da Rua, na pequenez dos seus recursos, está em Angola para amar e dar testemunho de amor! Que alegria e confiança o verificar que este amor se vai concretizando na dedicação à terra dos nossos padres, das senhoras e dos rapazes que ali estão para realizar tal testemunho!

Ora vejamos e regozigiem-se comigo com estas três notícias que de lá vieram há pouco.

«Queiroz * * *

Estimo que estejas bem de saúde que eu também estou graças a Deus. Estou satisfeito de vir cair a estas terras de África e não fiquei arrependido, é uma maravilha. Desculpa de eu não te escrever mas de qualquer maneira nunca me esqueci de escrever a um grande amigo.

Diz ao Faustino que eu estou à espera da carta dele e que me escreva sem falta. Dá cumprimentos a ele para dar à miúda.

Os amigos nunca se esquecem Pires. Mais uma vez um adeus de despedida.

Domingos»

Por agora mais nada; só tenho a dizer que não quero ir para aí nem que me pagassem. Uma pessoa que meta os pés em África nunca quer tirá-los, mesmo que o chão esteja quente.

Adeus meu grande amigo. Boa saúde para ti e para a malta toda, principalmente para o Antero e para o Alfredo da Conceição

«Sr. Padre Carlos estamos todos a pedir ao Sr. Padre Telmo para pedir ao Senhor, para deixar vir o «Tira-Olhos». O Senhor bem sabe que não temos um rapaz alegre para nos fazer companhia. Já sei que vai sofrer um pouco para o deixar vir, mas tenha paciência, é nossa maior alegria que ele venha para cá. O

Continua na QUARTA página

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

Sei que me livra. Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Leitor, se desconhecesses, terias desculpa. Assim não. Agora, não tens desculpa. Vem com tuas roupas. Vem com tua mão. Ajuda-me a dar a mão.

Luciano tem 8 anos. Cara redonda e morena. Olhos vivos e meigos. Luciano é um encanto. Tem a história do comum dos nossos rapazes. Não sei do pai, nem sei da mãe.

Um dia destes, acabei de dar acção de graças, depois da Missa, e ia tomar o pequeno almoço. Ao longe, vejo o Luciano. Vem ao meu encontro. Aos ombros, traz um cor-

deirinho. Pensei que seria, talvez, encomenda de pessoa de fora. Mas não. A cara do Luciano era diferente. Os olhos do Luciano não tinham vida. Um drama.

Pois o cordeiro a meus pés, com tanto cuidado, como se tratasse de coisa muito frágil. «Veja, não se pode levantar. Está doente». Apalpa num sítio; toca noutro e diz-me onde está o mal. Pede-me uma receita.

A cara triste do Luciano; seus olhos vivos e meigos, mas agora sem vida, debruçados sobre o cordeirinho doente, dizem, com verdade, quem é o Luciano. Vem ao meu encontro para o curral. Que beleza!...

Nem sempre as coisas correm bem cá por casa. Mas, graças a Deus, o que nos falta num dia em consolações, no dia seguinte é-nos compensado com cem por um delas. Já andamos afeitos.

Há dias fui dar volta pela quinta. O que vi: os da roupa passavam a ferro e remendavam roupas velhas e usadas. Os das padiolas desfolhavam espigas e levavam-nas para o celeiro. Delas não-de tirar o grão para o pão que comem. Tudo feito por mãos deles. Os estudantes, agora em férias, de enxada em punho, capinavam couves. A parte de tarde é toda reservada para o estudo. Os dois tractoristas viravam as terras que não-de levar batata. O Almerindo e seu ajudante preparavam o calçado de domingo. João ajudava à armadura do tecto do novo dormitório. Os mais pequeninos varriam os terreiros. Isto é a Casa do Gaiato.

P.e Manuel António



SETUBAL

Recebi, há dias, os rapazes do Orfanato.

Há anos que a transição nos foi pedida pelos responsáveis em virtude das más condições do edifício, do acanhamento do espaço e da falta de uma pessoa disponível capaz de presidir à educação dos rapazes. Acertadas as agulhas do tempo que não empobrecemos a Cidade privando-a de mais uma obra de assistência mas antes enriquecendo-a, os vinte rapazes passaram a ser Gaiatos.

Não é o Orfanato Municipal que vai acabar; de modo nenhum; antes os rapazes dele vieram engrossar a «nossa riqueza».

A Câmara de Setúbal vai ceder-nos terreno para a construção de um edifício novo no Largo das Areias que ficará a ser o futuro «Lar do Gaiato» com características diferentes das de todos os Lares da Obra. Será constituído por uma parte habitacional com capacidade para sessenta rapazes e por outra de oficinas: — Tipografia, Serralharia e Carpintaria-Marcenaria.

Vamos receber o que o Município gastava com a sustentação do Orfanato e com esse auxílio iremos construir o «Nosso Lar».

Por

PADRE ACÍLIO

Temos o apoio de toda a Câmara pela visão certa, humilde e rasgada do seu Presidente, que não é homem de fachada, mas de actividade eficaz, procurando solucionar os problemas com os meios disponíveis, vencendo peias burocráticas!...

Temos o apoio dos nossos amigos da cidade e de fora dela e contamos com a compreensão e o auxílio dos Setubalenses, que, à parte um grupo de apaixonados, ainda não nos conhecem.

Montar oficinas, comprar máquinas e pô-las a render económica e educacionalmente não pode ser obra de poucos. Terá de ser obra de todos!... Vivo já, por vezes, momentos de angústia, por pensar nas dezenas de milhares de escudos que custa uma máquina boa!...

Se eu bater à tua porta a pedir, não me mandes embora nem regateies. Dá-me o que te

pego! Olha que tenho cento e quarenta rapazes! Obra divina!... Beleza semelhante à Beleza de Deus e tantas vezes aviltada pelo teu e meu egoísmo.

Se és baírrista dir-te-ei que mais de oitenta deles vieram das tuas ruas. Se não és, grito-te com toda a minha energia humana e a minha fé sobrenatural que todos eles são filhos bem amados do nosso Deus!...

Se não conheces a Casa do Gaiato, vem até nós. Não fazemos cerimónia. Não há sala de visitas. Não há porteiro. Tudo é aberto e franco!...

Terás imediatamente a sensação nítida de abertura e de posse. Esta Casa é a tua casa. A casa dos teus irmãos ou, talvez, a casa de algum dos teus filhos.

Faz como um grupo de apaixonados que não podem passar a festa da Páscoa ou do Natal sem repartir a sua alegria conosco, ou melhor sem receberem a nossa alegria, resposta espontânea aos seus presentes!

Vem viver conosco uma tarde de trabalho e observar a desordem ordenada que não corrompe a ordem que o Senhor pôs em cada um deles.

Vem ouvir a gritaria nos corredores, avenidas e campo de jogos à hora do recreio ou saborear o chilreio comunicativo das refeições.

Vem certificar-te de que tudo é Obra deles e em toda ela, se espelha uma beleza imaculada.

Vem viver comigo os grandes momentos de gozo na contemplação do que o homem é e realiza, quando sabemos respeitar a sua liberdade.

Uma belíssima estrada nos liga à cidade. O troço mau, cheio de covas, que te poderia impedir foi já reparado e vai ser alcatroado.

A Casa do Gaiato quer entrar na tua própria Casa e enchê-la de alegria e quer que venhas também encher a nossa!

Padre Acílio

Visado pela

Comissão de Censura



Africa

Cont. da TERCEIRA página

Senhor resolva isso da melhor maneira. Agora notícias africanistas. Não sei se o Senhor já sabe que levantámos o nosso cruzeiro provisório em frente da nossa capelinha. Fica que é uma categoria; quase que tira a vez ao daí, mas não leve a mal. Aos domingos temos algumas visitas: é sinal que não somos esquecidos nesta tão querida cidade. Depois da visita ofereceram uns bolinhos, batatas, figos, garrafas duma bebida que já me esquece. Também é melhor não dizer porque o Senhor pode ganhar água na boca, é melhor não dizer mais.

Agradece o seu filho que nunca o esquece cheio de saudades de todos Metropolitanos. Dê uma grande abraço ao Américo dos rapazes de Malanje que não se esquecerão do seu casamento e ao João Bombeiro, Manuel Pinto, Júlio, Avelino, Senhoras D. Sofia, D. Hortência, D. Virginia, Sr. Padre José Maria etc. e para o Senhor um grande abraço de malta de Malanje e do Sr. Padre Telmo. O seu filho, que nunca o esquece, e esquecerá. Quim».

E ainda este desabafo e a recomendação de um dos nossos que serve a Pátria por lá.

«...Felizmente, agora que encontrei AQUELE que me procurava afanosamente, ganhei mais amor à vida, à vida que me torturou com o seu sofrer. Não. Não quero que Deus me leve já. Do meu coração ainda quero fazer irradiar algo de aproveitável e útil para aqueles que, como eu fui, não conhecem o caminho da Verdade.

...Não se esqueça de mim nas suas orações que eu também não o tenho esquecido. Deus gosta que sejamos impertinentes com Ele... Pois terá que me aturar!»

Todas as noites, àquelas três Avé-Marias finais do nosso terço que cada hebdomadário, deliciosamente livre, oferece segundo a sua devoção, eu tenho ouvido: «Pelos nossos que estão em África».

«Os amigos nunca se esquecem, mesmo que estejam a morrer».

Ao repositório de correspondência de família que vai neste artigo, quem pode resistir a acrescentar esta carta ora chegada, que há-de encher também o coração de quantos nos amam?!

«3,30 h. da tarde, do 4.º domingo da Quaresma. Está um dia quente. Mas suporta-se bem a temperatura. Vim à «Caota» com a carrinha cheia de rapazes. Outro grupo foi para a praia dos coqueiros, com o Domingos chefe. Há quinze dias que não vinha

ao mar. Receei seriamente perder a minha «forma» de nadador. Na ponte, velha, a cair, que serviu noutros tempos para descarga de peixe, esperam impacientemente a hora de dar o primeiro mergulho desta tarde. Vou dizer, agora mesmo, que o podem fazer. Mais além, empoleirados num rochedo, «Espanhóis» + Júlio pequeno + alguns amadores de pesca, esforçam-se por arranjar uma refeição de peixe para amanhã. O mar parece um lago. Ali mesmo em frente, um barquito a remos, baloça suavemente, embalado pelas ondas mansas.

Foi a vez do Almerindo se lançar ao mar. Eu continuo a esperar, pois sou de digestão mais lenta. Enquanto espero, o meu pensamento vai até ao nosso mundo da Metrópole e absorvo-o num trago. As saudades não nos têm apertado. Apesar disso, de vez em quando, quase sem darmos por tal, estamos em Paço de Sousa, Miranda, Tojal, Setúbal e Calvário.

Fui falar à Acção Católica. Amanhã, segunda-feira, vou falar às Vicentinas. Apesar de me custar muito, sei que Deus é meu amigo pois é a maneira de me levar a «parar» um pouco, a ler, a concentrar-me. Mas custa-me muito!

Arranjei peixe fresco, dado, para todos os dias da semana. Falta-me carne, mas não desisto...

Almerindo tem tido que fazer. A nossa obra vai andando. O mestre ganha 125\$00 diários. A nossa horta também. O homem é trabalhador e interessado. Tem havido progresso. Vamos fornecer as Madres, o quartel de Benguela e vou ver se mais.

Encheu-nos de alegria a inauguração do telefone com a conversa de há dias. Os rapazes estavam todos à roda do telefone. Não os chamei. Graças a Deus que vamos vivendo o espírito de família em realidade. Continuo feliz. Graças a Deus tenho andado bem disposto e os rapazes também. Tive de fazer há dias a estreia a sério com uma «coça» aplicada ao Carlos «do peixe». No fim, todos bem dispostos.

Contas: Não devemos nada a ninguém. O Governo ainda não nos deu nada. Espero que não demore muito. Nem recebemos nada dos géneros fornecidos ao Beiral, por falta de orçamento. Gosto muito de saber notícias dos nossos de Paço de Sousa. Não admira. Foi o primeiro amor.

Mande-me 1.500 jornais. E os TAP? Diga alguma coisa.

Escreva-nos de vez em quando. E o nosso Padre José Maria? Mando-lhe um abraço muito amigo. O «Mineiro» já anda com o tractor. Está indo cada vez melhor. Adeus.

P.e Manuel António».

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

— Sr. Júlio Mendes, vulgarmente conhecido por «se Mendes» das Cavadas, anda quase sempre bem disposto.

Nos últimos dias temos notado que o «se Mendes» demonstra melhor disposição do que lhe é habitual. Sabem porquê? É verdade! O «se Mendes» acaba de ser pai pela 5.ª vez!

— Os nossos parabéns «se Júlio». É uma menina?

— És lorpa. É um rapaz!

— Mas então quando é que nasce uma menina? Não vê que já são cinco rapazes?

— Olha, menina ou rapaz eu contento-me. Deus é que manda e por isso...

Concordámos com mestre Júlio, e demos por terminado este curto diálogo, desejando as maiores felicidades para o novo rebento, que se chama João Paulo, e renovando os nossos parabéns.

Parabéns, mestre Júlio!

— Comemoramos mais um aniversário da Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na Quinta-feira Santa foi a nossa desobriga. Muitos se abeiraram do altar para receberem a Sagrada Comunhão. Findas as cerimónias, dirigimo-nos para o nosso refeitório onde nos esperava o jantar na companhia dos Pobres da nossa Conferência.

Sexta-feira Santa, fizemos a nossa Via-Sacra. Por intermédio desta, recordámos a caminhada de Nosso Senhor Jesus Cristo a caminho do Calvário.

Aleluia! Aleluia! Aleluia! Foi o que nós entoámos por volta da meia noite de Sábado Santo, após a Ressurreição do Senhor. Seguiu-se a Santa Missa.

Domingo de Páscoa, por volta das dez horas, recebemos em nossas casas Jesus Ressuscitado! Após

a visita do Senhor, realizou-se um animado desafio de futebol, entre o Lar do Porto e o nosso Grupo, que o primeiro venceu por 3-2. É tudo.

Fausto Teixeira

Belem

PRIMAVERA — Estamos no tempo em que começa a Primavera. Ela é a estação das flores e dos passarinhos. As nubladas foram as primeiras a florir, mas com a chuva ficaram todas tombadas. Os nossos abrunheiros estão tão lindos, vestidos de branco, até parecem noivas. O chão está todo branco com as pétalas que caem. Nós gostamos muito da Primavera, mas a nossa Mãe ainda agora nos esteve a dizer que na Primavera também chove muito. Nós ficamos tristes, porque não temos um recreio coberto, onde possamos pular. Se os Senhores nos dessem algum dinheiro para se fazer um recreio onde pudessemos brincar no inverno, é que era bom. Na outra casa ainda a coisa ia bem, porque tínhamos a varanda coberta e mais larga do que esta. Esta varanda é bastante grande, mas o pior é que não está coberta e no Inverno não podemos lá brincar. À frente da cozinha temos um pátio que está todo cheio de lama e tem que ser cimentado. Também precisamos de ter uma retrete lá fora, porque quando vamos para o recreio andamos sempre a caminho do quarto de banho para fazermos xixi, e assim sujamos a casa toda. A nossa Mãe farta-se de nos ralhar porque nos esquecemos de limpar os pés.

Fernanda

CATECISMO — Já há bastante tempo que as da escola, não damos catequese, porque a nossa Madrinha foi chamada para ajudar na Acção Católica.

Nós nunca ouvimos falar na Acção Católica, nas nossas terras, e até já andámos a perguntar umas às outras se sabiam o que era Acção Católica, mas nenhuma soube responder. Eu só sei é que nos roubaram a nossa Madrinha por causa da Acção Católica. E faz-nos muita falta, sabem? Nem tornamos a ter ginástica que nos fazia tão bem.

Agora anda a estudar e não tem mesmo tempo nenhum de vir cá. E se cá vem é de tempos em tempos.

Por isso, a nossa Mãe teve que se resolver a dar-nos catequese. Mas era só alguns Domingos, porque não tinha tempo.

Então a Mãe Ofélia resolve dar-nos catequese a sério. Agora andamos todas contentes.

Fatinha

Benguela

TRACTOR — Veio há dias de compor, porque, quando chegou, vinha meio avariado. As alfaías não eram dele e tivemos que adaptá-las. O «Mineiro», que sempre seguiu os conselhos de mecânico, aprendendo, agora já lavra com este. Mas ao fim do dia queixa-se que aquele arado não é daquele tractor. E não é.

ESTUDANTES — Estão de férias. trabalham na horta com os outros. Eles são nove, as notas de alguns deste período não foram agradáveis. Só o Júlio, rapaz de treze anos, e o Carvalho não tiveram negativas. O Osvaldo a maior parte das notas foram negativas. E por isso, se não souber aproveitar, no fim do ano deixará de estudar.

A nossa lei mantém-se e manter-se-á. Quem não apresentar notas suficientes, esse deixará o estudo e irá para outro trabalho.

João Evangelista

Filhos de pai incógnito

Foi noutro dia em terras de Angola. Um dos nossos Padres, em conversa com um rapazinho (de cor), ouviu da sua boca esta frase: «Meu pai é branco, mas não quer saber de mim».

O sabor desta frase é de fome e sede de Justiça. Ela é a prova real das normas do homem que quer viver e regular-se sem Deus. É o resultado saído daqueles de nós — pequenas formigas — que queremos viver nas leizinhas e calar a voz que fala e dita a LEI. O grande troço do pequeno — e nós deixamos correr. O forte calca o fraco — e a Sociedade, de tão habituada que está, não vê delito onde há crime. O mal vai aumentando, e ela ressentente-se, mas não vê de onde vem a geração do mal que a atrofia.

Eu não sei quem é o pai daquela criança, mas a norma é a mesma: Os poderosos

valem-se tanta vez da posição ou do dinheiro, para reclamar e enfraquecer consciências!

O mal que um só de nós pode fazer, fugindo ou consentindo a fuga da LEI! «Meu pai não quer saber de mim». Isto é triste, é amargo, e por vezes sente-se revoltas interiores que doem e fazem doer.

Não sei bem se saboreias aquela frase, e se o teu paladar é igual ao meu.

De uma vez, eu estava diante dum juiz que me ia condenar. Num dado momento perguntou-me pelo meu pai. Com os olhos e o coração a chorar, eu disse a mesma frase: «Meu pai é rico, mas não quer saber de mim». E os delitos não eram mais do que pobreza e abandono, e aquelas lágrimas eram a amostra da sede e da revolta sentida, porque o juiz ia condenar o filho por ir ao rancho ao quartel, e não tinha no livro, a lei com que pudesse chamar o pai à responsabilidade.

O pai esconde-se debaixo da capa da lei que o encobre, não o chamando. «Meu pai não quer saber de mim»!... Oh! que grito, que cava tanta ruína, e deixa tanta dor.

Que tremenda responsabilidade a nossa, quando Deus nos pedir contas dos bens que nos deu para administrar. Que maus feitores temos sido!

ERNESTO PINTO

Teatro Circo

Braga

25 DE ABRIL
às 21,30 horas

Teatro Aveirense

Aveiro

1 DE MAIO
às 21,30 horas

Teatro Jordão

Guimarães

8 DE MAIO
às 21, 30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras de cada um dos Teatros

